

UM ESTUDO SOBRE OS PERSONAGENS EM “SARAPALHA” DE GUIMARÃES ROSA

Jeisiane Campos SALES (G-UFPA)
Sandra Maria JOB (UFPA)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma breve leitura do conto “Sarapalha ” de João Guimarães Rosa, no qual busca identificar peculiaridades na construção de dois personagens, Primo Ribeiro e Primo Argemiro, para que possamos caracterizá-los quanto ao tipo de personagens que são além de, a partir dessa identificação, fazer uma breve leitura interpretativa sobre a história construída. O intuito é compreender um pouco mais tanto os personagens quanto à narrativa. Para atingir o objetivo proposto, partimos de uma pesquisa bibliográfica (CÂNDIDO, 2009; BRAIT, 1985). Obteve-se, ao final da pesquisa, alguns resultados como, por exemplo, a constatação de que ambos os personagens se caracterizam como sendo planos, porém um deles (Primo Argemiro), adquire no decorrer da história, mais precisamente no final, um grau de crescimento, o que o levaria a deixar de ser plano, passando à dimensão dos personagens redondos. Também se concluiu que os mesmos personagens atuam com a função de protagonista/anti-herói e de personagem secundário, dentro da narrativa, segundo as concepções de Gancho (1991).

PALAVRAS-CHAVE: Personagem. Análise estrutural. Conto.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma breve leitura do conto “Sarapalha ”, de João Guimarães Rosa, no qual busca identificar peculiaridades na construção de dois personagens, Primo Ribeiro e Primo Argemiro, para que possamos caracterizá-los quanto ao tipo de personagens que são além de, a partir dessa identificação, fazer uma breve leitura interpretativa sobre a história construída. O intuito é compreender um pouco mais tanto os personagens quanto à narrativa. Para atingir o objetivo proposto, partimos de uma pesquisa bibliográfica (CÂNDIDO, 2009; BRAIT, 1985, entre outros).

Para melhor aproveitamento do trabalho, o mesmo será desenvolvido em três partes. Na primeira trataremos das teorias que abordam o conceito de personagem, bem como as funções que o mesmo desempenha no texto fictício. Em virtude da importância desse elemento ficcional, seguiremos as concepções de Cândido (2009), Brait (1985), entre outros, que discutem a questão de personagens na obra ficcional e que, a partir das discussões empreendidas, trazem mecanismos teóricos que nos permitem melhor analisá-los.

Na segunda parte, partindo de uma interpretação da história construída, utilizaremos as propostas defendidas pelos teóricos a fim de identificar nos personagens os aspectos mais relevantes. E, ao final, abordaremos as conclusões obtidas com esta pesquisa.

2 PERSONAGEM E A CONCEPÇÃO TEÓRICA DE CÂNDIDO E BRAIT: BREVES ASPECTOS

Quem são, ou melhor, o que são essas figuras que tanto nos parecem familiares e que são apresentadas de diferentes formas ao nos aventurarmos pelas páginas de um livro, ou quando assistimos filmes (séries, novelas) e peças de teatro?

A resposta, aparentemente mais objetiva, é a de que “ a personagem é um ser fictício [...]” (CÂNDIDO, 2009, p. 55)”, visto que a personagem é um ser que só existe quando inserida em determinado contexto e possui uma relação de representação, uma reinvenção da realidade (BRAIT, 1985). Ou seja, personagem é um ser que só existe dentro de um determinado contexto, isto é, não tem existência real fora do contexto no qual ela foi/criada/inventada, por mais “real” que ela pareça ser.

Ainda em relação a esta questão da existência/veracidade de um personagem, para Cândido (2009), durante a composição de um personagem o autor oscila entre dois ideais: transposição fiel de um modelo, ou invenção totalmente imaginária. E acrescenta, dizendo que

São estes os dois limites da criação novelística, e a sua combinação variável é que define cada romancista, cada uma das personagens. Há personagens que exprimem modos de ser, e mesmo a aparência física de uma pessoa existente (o romancista ou qualquer outra, dada pela observação, a memória). Só poderemos decidir a respeito quando houver indicação fora do próprio romance, -seja por informação do autor, seja por evidência documentária. Quando elas não existem, o problema se torna de solução difícil, e o máximo a que podemos aspirar é o estudo da tendência geral do escritor a este respeito. (CÂNDIDO, 2009, p. 70)

Brait (1985, p. 31) é mais categórica ao afirmar que o personagem é “um ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação”.

Deste contexto, portanto, pode-se depreender que para a composição de uma personagem o autor deve, antes, abastecer-se de mecanismos capazes de abranger toda a complexidade nela disposta, para isso a caracterização é um dos elementos fundamentais.

Segundo Daniel Pinna (2006, p. 201),

Quem cria as características que tornarão possível a ilusão da existência real dos seres e espaços fictícios é, portanto, o autor. Este, por sua vez, não deve ser confundido com o *narrador*, elemento fictício criado pelo autor para fazer a mediação entre a matéria narrada e o apreciador da obra narrativa. Uma vez que a caracterização é o *processo* utilizado pelo narrador para apresentar as características de espaços e seres fictícios ao apreciador da narrativa, podemos afirmar que a caracterização ocorre durante a transmissão da estória narrada, isto é, durante o processo de *narração*.

Importante ressaltar que para efeito de classificação estrutural de personagem (que abordaremos no próximo tópico), segundo sua complexidade, a caracterização descritiva dificilmente abrangerá os aspectos singulares de uma personagem redonda, pois a mesma pode ser multifacetada e surpreendente (BRAIT,1985).

2.1 Classificação estrutural de personagens

São diversos os focos da teoria narrativa que tratam do processo classificatório de personagem, por isso optamos por abordar apenas duas delas que nos serão de grande valia no momento da análise. São elas: a classificação quanto à função e a classificação quanto à complexidade da personagem.

No que diz respeito à função, portanto, na obra *Como Analisar Narrativas*, Cândida Vilares Gancho (1991) divide as personagens em três grupos de acordo com a função que desempenham no enredo. São eles: protagonistas (herói ou anti-herói), antagonistas e secundários.

Segundo ela, as personagens com função de protagonista geralmente são marcadas pela descrição minuciosa de suas características físicas, sociais ou psicológicas. Seu modo de ser as distingue dos outros personagens, podendo ter comportamento superior ou inferior e igual aos outros indivíduos, ainda de acordo com ela. Por isso a autora subdivide os personagens protagonistas em dois tipos: herói e anti-herói.

Os heróis, para ela, são seres cujas ações são superiores as de todo o grupo no qual estão inseridos. Possuem boa aparência física, seus objetivos são sempre alcançados, praticamente toda a narrativa está focada nos acontecimentos que lhes rondam.

Beth Brait em seu livro *A personagem* (1985) faz uma crítica sobre esse tipo de ser ficcional. Na opinião dela,

A personagem Indiana Jones, vivida pelo belo ator Harrison Ford, apesar de todo o aparato modernoso sustentado pelos efeitos especiais, não deixa de ser o mesmo mocinho dos filmes de *cowboy*, o mesmo herói das narrativas tradicionais, cheias de obstáculos a serem transpostos, o mesmo mocinho romântico, cujo destino é vencer os inimigos e conquistar o coração da mocinha. Ou seja, seu

comportamento e o desfecho das ações por ele protagonizadas estão apoiadas nas necessidades do encaminhamento da história, da fábula que neste caso é suficientemente redundante, exaustivamente marcada por traços acumulados por uma tradição narrativa despida de estranhamento. (BRAIT, 1985, p. 32)

Em outras palavras, os “heróis” com perfis previsíveis que se encontram em narrativas previsíveis são encontrados geralmente em romances românticos cujas narrativas possuem uma estrutura simples devido as suas funções pré-estabelecidas. Em oposição ao “herói” os “anti-heróis”, por sua vez, têm, obviamente, características inversas as do herói, porém não devem ser confundidos com o antagonista. Anti-heróis são heróis, mas sem competência para tanto afirma Gancho (1991). São comuns na literatura brasileira por estarem mais próximos da realidade humana, marcada pela coexistência do bem e do mal, da mudança de valores e os defeitos de caráter, ainda segundo Gancho (1991).

Já o antagonista pode ser definido como aquele que vai de encontro aos objetivos do protagonista (GANCHO, 1991). Segundo Pinna (2006), um antagonista não precisa ser obrigatoriamente um vilão, isto é, se opor aos interesses do protagonista de qualquer modo.

No que se refere aos personagens secundários, estes desempenham uma função quase figurativa, salvo exceções. Entretanto, esses personagens, para BRAIT (1985), não são dispensáveis pelo fato de não possuírem uma significação particular, visto que em muitos casos elas podem contribuir tanto para a composição do ambiente quanto para o desenvolvimento das ações dos heróis, por exemplo.

Em relação à classificação, mediante à complexidade do personagem, Edward Morgan Forster (1927), classifica os personagens em dois grupos: planas e redondas. As personagens planas, para ele, são de natureza uniforme. Ou seja, sua composição é simples, não possuindo profundidade psicológica e comportamental. Ainda para ele, essas personagens são imutáveis e não costumam surpreender e, por tudo isso, podem ser definidos em poucas palavras. Ele subdivide essa categoria de personagem em personagens tipo e caricaturas. Estas são marcadas pelos traços exagerados que recebem. Sua representação é apelativa, muitas vezes com intuito de criar sátiras e aquelas trazem em si traços de um grupo social, como por exemplo a dona de casa, o caipira, o fazendeiro, o professor, o médico, de acordo com Forster (1927). Ainda nesse contexto, para Gancho (1985), caricatura é um personagem reconhecido por características fixas e ridículas.

As personagens redondas, de acordo com Forster (1927), ao contrário das personagens planas, possuem um grau elevado de complexidade e, conseqüentemente, até seu processo de caracterização requer grandes habilidades por parte do escritor. Uma simples descrição não é capaz

de abranger todas as suas possibilidades existenciais, nem de fixar-lhe uma ideia ou modo de agir. Pode nos surpreender convincentemente, e modificar suas atitudes durante a narração (FORSTER, 1927).

Para Pinna (2006):

Mesmo personagens redondas mais caricatas, como o cavaleiro Dom Quixote, representam uma quantidade consideravelmente vasta de ideias para que possam ser caracterizadas em poucas unidades significativas como o nosso carteiro exemplar. (PINNA, p.213)

Posto isso, pode-se concluir, entre outras coisas, que uma personagem puramente plana não tem um grau de complexidade semelhante ao de um personagem redondo, e que isso não significa que aquela não possa, ao longo da narrativa, se transformar num personagem redondo.

No intuito de colocar em prática a teoria, no caso a discutida aqui, no próximo tópico trazemos a análise dos personagens do conto “Sarapalha”, de Guimarães Rosa, para emprendermos uma tentativa de leitura dos personagens na história construída e, além disso, identificá-los em função do tipo em que se enquadram.

3 PRIMOS RIBEIRO E PRIMO ARGEMIRO: ANÁLISE ESTRUTURAL DOS PERSONAGENS NO CONTO “SARAPALHA” DE GUIMARÃES ROSA

“Sarapalha” é um conto que integra a obra *Sagarana* de João Guimarães Rosa. Publicada em 1946 pela editora José Olympio, essa obra causou forte impacto no meio literário da época por apresentar uma ruptura com o estilo predominante dos anos 30, “a literatura engajada”. Entretanto, essa ruptura tratava-se de uma concepção estilística literária que devido seu alto grau de complexidade não obteve reconhecimento imediato (COUTINHO, 1994).

No prefácio do livro *João Guimarães Rosa: Ficção Completa*, Eduardo F. Coutinho comenta sobre essas inovações introduzidas por Rosa na literatura brasileira. Segundo ele,

[...] Rosa define como uma de suas principais metas a tarefa de revitalizar a linguagem com o fim de fazê-la recobrar sua *poiesis* originária e atingir o leitor, induzindo-o à reflexão. Desse modo, mergulha de corpo e alma nos meandros da linguagem, *violando* constantemente a norma, e substituindo o lugar-comum pelo único o, ou, melhor abandonando as formas cristalizadas e dedicando-se à busca do inexplorado, do metal que, como ele próprio afirma, se esconde “sob montanhas de cinzas.”

Os procedimentos empregados por Guimarães Rosa para revitalizar a linguagem narrativa são muitos e variados e se estendem desde o plano da língua *stricto sensu* ao do discurso narrativo. (COUTINHO, 1994, p. 13)

Portanto, não é tarefa fácil analisar personagens dentro de uma obra narrativa riquíssima de aspectos linguísticos e ficcionais como as de Rosa. Contudo, a proposta agora é identificar o tipo de personagens presentes no conto e fazer uma breve leitura sobre os mesmos.

Os personagens nos são apresentados ao longo do conto pela voz/ visão de um narrador em terceira pessoa e que faz uso do discurso indireto livre.

Em se tratando de narrador, de focalização, para Heitor Megale (1974), o foco em terceira pessoa é mais comum quando o narrador sabe tanto quanto o personagem, ou seja, as reflexões cabem tanto ao personagem quanto ao narrador, ou pelo menos este sabe que aquele as faz, sendo este tipo de focalização próprio do discurso indireto livre.

E é esse narrador, portanto, que nos apresenta, em um primeiro momento, o ambiente no qual estão inseridos os personagens, que são apresentados em um segundo momento. São eles Primo Ribeiro e Primo Argemiro e adentram na narrativa a partir das seguintes palavras:

É aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrida e desmantelada; uma cerca de pedra-seca, do tempo de escravos; um rego murcho, um moinho parado; um cedro alto, na frente da casa; e, lá dentro, uma negra, já velha, que capina e cozinha o feijão. Tudo é mato, crescendo sem regra; mas, em volta da enorme morada, pés de milho levantam espigas, no chiqueiro, no curral e no eirado, como se a roça se tivesse encolhido, para ficar mais ao alcance da mão.

E tem também dois homens sentados, juntinhos, num casco de cocho emborcado, cabisbaixos, quentando-se ao sol. (ROSA, 1994, p. 282 – grifos nossos)

Logo em seguida, esse narrador já deixa as primeiras pistas sobre o tipo de personagens que temos. De acordo com ele, “Primo Ribeiro dormiu mal e o outro não dorme quase nunca” (ROSA, 1994, p.282). Ou seja, isso nos leva a entender que, muito possivelmente, Primo Ribeiro é mais “tranquilo”, já Primo Argemiro é mais inquieto. Tanto que não dorme sempre, como se mente e corpos estivessem sempre alertas. E mais, através do narrador, sabe-se também que os personagens se caracterizam por serem “os dois velhos - que não são velhos” (ROSA, 1994, p. 283).

Mas como assim? Velhos que não são velhos?

Pode estar subentendido aí que, fisicamente, a aparência dos mesmos é de uma pessoa com certa idade, pois, como é sabido, quem vive no meio rural, tomando o sol da manhã, da tarde, enquanto trabalham, tendem a um envelhecimento físico precoce em detrimento do sol. Neste contexto, embora tenham as feições de pessoas idosas, ambos são homens jovens. A velhice, nesse caso, não ocasionada pela passagem do tempo em si, seria o reflexo das condições adversas em que encontram os personagens.

Além disso, sabe-se também, através do narrador, que são metódicos e introspectivos, pois

Há mais de duas horas que estão ali assentados, **em silêncio, como sempre. Porque, faz muito tempo, entra ano e sai ano, é toda manhã assim.** A preta vem com os gravetos e a lenha. Os dois se sentam no cocho, Primo Argemiro da banda do rio, Primo Ribeiro do lado do mato. A preta acende o foguinho. O cachorro corre, muitas vezes, até lá na tranqueira, depois se chega também cá para perto. A preta traz café e cachaça com limão. Primo Argemiro sopra os tições e ajunta as brasas. E, um pouco antes ou um pouco depois do sol, que tem um jeito de aparecer sempre bonito e sempre diferente [...]. (ROSA, 1994, p.283) – grifos nossos).

E é assim que o narrador articula a história construída: contrapondo homem *versus* meio¹. E ao contrapor ele (narrador) vai deixando pistas para o leitor sobre quem são esses personagens, como vimos acima. E que, de forma mais específica, mostra-nos, até o presente momento da narrativa, que temos dois personagens que podem ser considerados anti-herói (GANCHO,1991) e planos (FORSTER,1927).

Porém, o surgimento de outra personagem dentro do discurso de Primo Ribeiro vem quebrar a morosidade da narrativa e, conseqüentemente, o perfil dos personagens.

- Foi seis meses em-antes-de ela ir embora...

De branco a mais branco, olhando espantado para o outro, Primo Argemiro se perturbou. Agora está vermelho, muito.

Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido. E, agora... (ROSA, 1994, p. 286 – grifos nossos).

[...] Ai, Primo, mas eu não sei o que é que eu tenho hoje, que não acerto um jeito de poder tirar a ideia dela.... Ô mundo! ” (ROSA, 1994.p.288-grifos nossos).

E num crescendo, a história construída vai se delineando para um outro rumo, ainda que em contraponto com o meio. E é assim que, depois do desabafo feito em discurso direto de Primo Ribeiro (trecho acima) que Primo Argemiro, “[...] cata pulgas invisíveis nas pernas da calça. Acerta a correia da cintura. Coça a roupa. Não quer olhar para o outro. Não pode.” (ROSA, 1994, p.287).

Enquanto Primo Argemiro corre

[...] ligeiro pelos bons caminhos da lembrança. Como era mesmo que ela era?! ... Morena, os olhos muito pretos... Tão bonita! Os cabelos muito pretos..., Mas não paga a pena querer pensar onde é que ela pode estar a uma hora destas Quando fugiu, que baque! Que tristeza... Não esperava aquilo, não esperava... Parecia combinar bem com o marido... Primo Ribeiro naquele tempo era alegre... E ele sentira até ciúmes de Primo Ribeiro, ciúme bobo, porque Primo Ribeiro era quem tinha direito a ela e ao seu amor... Esquisita, sim que ela era... De riso alegrinho, mas de olhar duro... Que bonita! ... O boiadeiro tinha ficado três dias na fazenda, com desculpa de esperar outra ponta de gado.... Não era a primeira vez que ele se arranchava ali. (ROSA, 1994.p.288-289).

¹ Entendemos que é importante esse contraponto entre homem e meio, pois tende a reforçar a personalidade desses personagens, contudo, o objetivo aqui não é analisar esses contrapontos, por isso não aprofundamos essa discussão.

Tem-se a dimensão do outro conflito existente na narrativa, da paixão platônica do Primo Argemiro pela “[...] prima que ela era seu amor.... Porque, assim, tinha fugido sem saber, sem desconfiar de nada...” (ROSA, 1994, p. 289).

E por esses revezes, chega-se à conclusão que aquela breve análise sobre os personagens (sobre personagem plano) feitas anteriormente não é somente aquilo, isto é, não simplesmente um personagem plano e fim.

Mas, antes de seguir adiante na leitura dos dois personagens, vale lembrar que

Os personagens que integram o universo ficcional de Guimarães Rosa, desde os contos de Sagarana até as narrativas densas de *Tutaméia*, são figuras extraídas do sertão mineiro, onde o autor nascera e se criara, e que constitui o cenário de suas histórias. Mas, em momento algum, eles se instituem como meros tipos representativos dessa região. As marcas regionais estão presentes em sua configuração e se refletem o tempo todo na maneira como se relacionam com o mundo, em seu próprio jeito de ser, mas nunca a ponto de determinar a dimensão de seu viver. (COUTINHO, 1994, p.17)

Partindo dessa perspectiva, entendemos que não há a possibilidade de classificar tais personagens, num primeiro momento, apenas como “meros tipos”, é preciso sobretudo, compreender a “dimensão de seu viver”, ou seja, sair do exterior do personagem e partir para o seu interior, sem, no entanto, desfigurá-lo ignorando o meio em que vive.

Assim, até então, aceitava--se que os personagens eram indivíduos totalmente influenciados pelo meio, pelas circunstâncias desfavoráveis, porém um segundo fator soma-se a esses e observamos que também ele (meio) exerce domínio sobre a construção dos personagens. Ao declarar que “[...] – A maleita não é nada. Até ajudou a gente a não pensar...” (ROSA, 1994.p287), Primo Ribeiro nos permite depreender a importância desse conflito para a construção da história, pois se o meio contraposto a eles deixa de ser o conflito principal da narrativa, antevemos as mudanças que ocorrerão no perfil dos personagens a partir deste momento. Poderemos, nesse contexto, tomar por base a afirmação de Forster (1927) “quando há mais de um fator neles (personagens planos), temos um começo de curva em direção à esfera”; pois se o meio rural (clima, flora, fauna, tipografia e mais os elementos que afetam a condição humana, como a malária) constitui-se essencial na caracterização dos personagens, bem como os costumes e até a própria linguagem, apresentando-as como o tipo do homem sertanejo, a atribuição do conflito moral - amor *versus* traição, os individualizam como seres únicos, dando--lhes também características específicas comportamentais e psicológicas.

Por ser o personagem que “recebe a tinta mais emocional, mais viva e mais marcada” (PINNA,2006), Primo Argemiro é quase sempre colocado em primeiro plano, como protagonista,

cabendo a Primo Ribeiro uma participação secundária e não menos importante. Em Primo Argemiro pode ser notada uma ascensão psicológica, pois não pode ser identificado como apenas mais um sertanejo, torna-se capaz de interiorizar-se num processo reflexivo que enreda a história, encaminhando-a para o clímax ao revelar seu segredo para Primo Ribeiro, dizendo “– Eu... também gostei dela, Primo.... Mas respeitei sempre...respeitei o senhor...sua casa.... Nós somos parentes...Espera, Primo! Não foi minha culpa, foi má-sorte minha...” (ROSA,1994, p.292-293).

Já em Primo Ribeiro percebemos a função de personagem secundária uma vez que participa da história por vezes interagindo com o protagonista influenciando no processo narrativo e na execução das ações do personagem principal. Vejamos a reação de Primo Ribeiro ao descobrir a verdade

- Fui picado de cobra...Fui picado de cobra...Ô mundo!
 - Mas, sossega, Primo Ribeiro...Já lhe jurei que não faltei nunca ao respeito a ela...Nem eu era capaz de cair num pecado desses...
 - O senhor está variando...Escuta! Me escuta, pelo amor de Deus...
 - Não estou variando, não, mas em-antes estivesse! ...Some daqui, homem! Vai p’r’as suas terras...vai p’ra bem longe de mim! ...Mas vai logo de uma vez! ...
- (ROSA, 1994, p.293).

Como podemos compreender diante do fato revelado, a atitude de Primo Ribeiro torna-se agressiva e até inesperada e é o estopim para o desfecho da história.

Uma vez definidas as funções dos personagens no conto, Primo Argemiro como protagonista e Primo Ribeiro como personagem secundário, cabe-nos também figurar o protagonista como anti-herói, visto que este tipo de personagem assemelha-se com o descrito por Gancho (1991) ao considerar que eles eram comuns na literatura brasileira por estarem mais próximos da realidade humana, marcada pela coexistência do bem e do mal, da mudança de valores e dos defeitos de caráter.

Posto isso, pode-se considerar, portanto, que ambos os personagens, à primeira vista, são planos, porém Primo Argemiro, mais que Primo Ribeiro, aspira à dimensão dos personagens redondos dado ao grau de complexidade que existe sob a superfície de personagens oriundos do meio rural e, logo, tidos como pacatos, simples.

Quanto à sua função dentro da história, Primo Argemiro tem a função de protagonista/anti-herói e Primo Ribeiro é colocado como personagem secundário, contudo, de suma relevância para o clímax e desenrolar da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa concluiu-se que os trabalhos referentes à personagem são de fundamental importância para os estudos de teoria literária, pois de acordo com os diversos teóricos que nos auxiliaram nesta análise, são as personagens que dão vida às histórias dos romances.

No que se refere aos personagens aqui analisados, concluímos que ambos iniciam a narrativa como personagens planos e, já quase no fim, devido a um crescendo, ainda que mínimo, o personagem Primo Argemiro, principalmente, chega ao perfil de um personagem redondo. Momento em que a narrativa alcança um clímax devido justamente ao personagem que ganha certa complexidade por suas atitudes na narrativa.

Concluímos que Primo Argemiro tem a função de protagonista, pois a narrativa centra-se nele, e também que ele se configura como um anti-herói, por não possuir qualidades que o possam qualificar como herói. Já Primo Ribeiro tem a função de personagem secundário, contribuindo para efetivação dos fatos do enredo e para realização das ações do protagonista.

Ao analisarmos, de forma breve, os personagens do conto “Sarapalha”, concluímos que, de fato, pouco foi dito acerca dos mesmos, dada à proposta desta pesquisa. E embora os personagens não tragam, aparentemente, grande complexidade, a obra em si, entretanto, é complexa, cabendo, por isso, estudos tanto sobre os personagens assim como ao discurso, ao espaço, tempo, dada a riqueza presente em “Sarapalha”.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CÂNDIDO, Antônio (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

MEGALE, Heitor. **Elementos de Teoria Literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

PINNA, Daniel Moreira de Sousa. **Animadas Personagens Brasileiras: a linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro**. 2006. Dissertação de Mestrado (Artes e Design), PUC-Rio.

ROSA, João Guimarães. Sarapalha. In: **Ficção Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.